

HISTÓRIAS DA TRADIÇÃO ORAL EM *PODCASTS*: ORALIDADE, MEDIAÇÃO E IDENTIDADES COLETIVAS

MARILAINE MARTINS*

Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens,
Curitiba, PR, Brasil.

Recebido em: 31 mar. 2026. Aceito em: 20 abr. 2026.

Como citar este artigo: MARTINS, M. Histórias da tradição oral em *podcasts*: oralidade, mediação e identidades coletivas. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 26, n. 2, p. 33-48, maio/ago. 2026. DOI: 10.5935/cadernosletras.v26n2p33-48

Resumo

Este artigo investiga a relação entre cultura popular e identidades coletivas, analisando a transposição de narrativas da tradição oral para o ambiente digital por meio de *podcasts*. Fundamentado na teoria da folkcomunicação e nos estudos de identidade, adotou-se uma abordagem qualitativa baseada na Análise de Conteúdo, de Bardin (2011). O *corpus* reúne os podcasts *Cidade das Lenhas* (2021) e *Pavulagem* (2022). A análise considera aspectos como temporalidade, território, elementos folkcomunicacionais e práticas culturais mobilizadas

* E-mail: mari.mcamargo@gmail.com
 <https://orcid.org/0009-0001-0665-1731>

nas narrativas. Os resultados evidenciam que a transposição para o formato *podcast* não implica ruptura com a oralidade, mas sua reconfiguração, na qual memória, som e experiência contribuem para a construção de pertencimento e para a (re)significação das identidades coletivas.

Palavras-chave

Oralidade. *Podcast*. Folkcomunicação.

INTRODUÇÃO

Profundamente enraizada nas relações que os sujeitos constroem com o território e com o meio que habitam, a cultura popular se configura como uma expressão que articula pertencimento e transformação. Como observa Santos (2006, p. 222), “tem raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter continuidade através da mudança”. Nesse sentido, quando histórias tradicionalmente vinculadas à tradição oral são transpostas para o ambiente digital, o que se observa não é uma ruptura com o local, mas uma reconfiguração que permite tanto a preservação dos vínculos simbólicos com o território quanto sua resignificação diante das intersecções com a contemporaneidade.

Tal movimento, no entanto, não pode ser compreendido apenas pela lógica da expansão tecnológica. De acordo com Martín-Barbero (2018), os processos comunicacionais vinculados à oralidade estão ancorados em uma concepção de tempo e espaço que escapa às métricas cronológicas e aos parâmetros da comunicação midiática convencional, organizando-se a partir de ritmos, ritos, memórias e experiências partilhadas. O espaço habitado, nessa acepção, não se separa do tempo vivido, mas se constitui das temporalidades que se inscrevem nas práticas cotidianas, nos ciclos da vida e nas formas de narrar. Assim, mesmo quando passam a ocupar a paisagem digital, essas narrativas preservam sua natureza relacional, comunitária e experiencial, operando como dispositivos de mediação cultural.

Nessa dinâmica, a oralidade mantém sua força como instrumento de transmissão de saberes e construção de memória, reafirmando seu lugar como tecnologia cultural anterior à escrita inseparável da consciência humana (Ong, 1998).

A transposição dessas histórias para o formato *podcast*, portanto, não descaracteriza as narrativas. Ao contrário, potencializa sua capacidade de circulação e amplia as possibilidades de escuta, reorganizando a experiência do contar e do ouvir a partir dos recursos técnicos, estéticos e discursivos próprios do meio digital.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo compreender como elementos folkcomunicacionais são mobilizados nas narrativas digitais, bem como analisar os processos que viabilizam sua reorganização simbólica em diálogo com identidades, territórios e temporalidades. Para tanto, busca-se responder à seguinte questão: como manifestações da cultura popular são mobilizadas e articuladas entre sujeitos, territórios e temporalidades nas narrativas de *podcasts*?

O objeto empírico da pesquisa concentra-se na análise de dois *podcasts* narrativos: *Cidade das Lendas* (2021) e *Pavulagem* (2022), selecionados de um *corpus* mais amplo de produções disponíveis na plataforma Spotify. Em suas proposições, ambos trabalham com narrativas oriundas da tradição oral, articulando referências territoriais, manifestações culturais e experiências de memória. A análise abrange os quatro episódios de *Cidade das Lendas* e os 12 episódios da primeira temporada de *Pavulagem*. A escolha dessas produções se justifica pela centralidade atribuída às práticas orais e pela diversidade de estratégias mobilizadas na construção das narrativas.

Para orientar a investigação, o trabalho se ancora no campo da folkcomunicação, a partir de Beltrão (2001) e da taxonomia proposta por Marques de Melo (2008), articulando essas contribuições às discussões sobre oralidade, mediação e território. Além disso, mobiliza a noção de ativista midiático no sistema folkcomunicacional (Trigueiro, 2008) e dialoga com reflexões sobre as dinâmicas de circulação e visibilidade nas plataformas digitais (Kischinhevsky, 2024), considerando os tensionamentos que atravessam a produção e a circulação dessas narrativas.

O artigo está organizado em três eixos principais: inicialmente, discute-se o referencial teórico que fundamenta a análise; em seguida, o percurso metodológico adotado é apresentado; por fim, desenvolve-se a análise das narrativas, seguida das considerações finais.

CULTURA POPULAR, ORALIDADE E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO TERRITÓRIO

A relação entre cultura popular, oralidade e território evidencia como práticas narrativas se estruturam a partir de experiências situadas, ancoradas no cotidiano e nas relações com o espaço vivido. Como aponta Santos (2006, p. 222), a cultura popular “tem raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar”, sendo constituída pelas relações profundas que se estabelecem entre o sujeito e seu meio. Assim, é possível compreender que essas experiências, ao se articularem à oralidade, organizam-se também como formas de narrar, nas quais sentidos são produzidos e compartilhados no interior desses contextos.

A oralidade não se restringe a um meio de transmissão, mas constitui uma forma de organização da experiência. Conforme propõe Ong (1998), a palavra falada se estabelece como um acontecimento, inseparável do tempo em que é enunciada e da presença de quem a pronuncia e de quem a escuta. Ao operar nesse registro, a comunicação oral não apenas transmite conteúdos, mas produz uma experiência situada, marcada pela efemeridade e pela intensidade do momento em que ocorre.

Tal dimensão aproxima-se da compreendida por Benjamin (1987), ao pensar a narrativa como forma de transmissão de experiências. Diferentemente da informação, que se esgota no instante em que é comunicada, a narrativa mantém uma abertura que permite sua atualização em diferentes contextos. Quando é contada e recontada, ela incorpora experiências, reorganiza sentidos e estabelece conexões entre tempos distintos.

Essa característica evidencia que a oralidade não opera na lógica da repetição, mas da recriação. Como observa Bosi (1994), a lembrança não corresponde à recuperação de uma imagem fixa do passado, mas à sua reconstrução a partir das condições do presente. Nesse processo, as narrativas se constituem como espaços em que memória e experiência se entrelaçam, produzindo versões que, embora ancoradas em referências coletivas, são sempre atravessadas pelas perspectivas de quem narra.

Ao articular tais dimensões com a noção de território, conforme propõe Santos (2006), torna-se possível compreender que essas narrativas circulam em determinados espaços e ainda se constituem a partir deles. O território, nesse sentido, não se limita a um recorte geográfico, mas envolve o conjunto de

relações, práticas e significados que configuram modos de habitar o mundo. As narrativas, quando mobilizam essas referências, operam como formas de inscrição simbólica dessas experiências.

De acordo com Martín-Barbero (2018), essas práticas se organizam a partir de temporalidades que não se reduzem à linearidade cronológica. Articulando passado e presente, as narrativas atualizam experiências coletivas, permitindo, em consequência, que elementos da tradição sejam continuamente ressignificados.

[...] o espaço habitado é inseparável do tempo, porém não o dos relógios, mas sim o tempo que faz e para os quais os mitos de origem e dos ritos de iniciação dão formas, e o tempo dos ritmos do dia: manhã, tarde, noite; das estações do ano: primavera, verão, outono, inverno; e as etapas da vida: infância, juventude, maturidade, velhice (Martín-Barbero, 2018, p. 27).

Nesse contexto, memória e território passam a ser narráveis na medida em que a experiência se realiza como acontecimento situado na oralidade. Quando são contadas e recontadas, tais narrativas reorganizam experiências e atualizam diferentes temporalidades, inscrevendo sentidos nas relações entre sujeitos e espaço. Esse processo não se dá de forma fixa, mas acompanha as condições de enunciação e as transformações dos contextos em que as narrativas circulam. É nesse horizonte que se torna possível avançar para a análise de como essas práticas se reconfiguram em contextos mediados por tecnologias digitais, especialmente nas narrativas de *podcasts*.

FOLKCOMUNICAÇÃO E NARRATIVAS DIGITAIS

A compreensão das narrativas digitais na perspectiva da folkcomunicação torna evidente como práticas comunicacionais vinculadas à cultura popular se reorganizam em contextos digitais de circulação (Schmidt, 2007). Desde sua formulação inicial, com Luiz Beltrão (2001), o campo volta-se à análise dos modos pelos quais grupos historicamente marginalizados produzem, compartilham e atualizam suas formas de comunicação, frequentemente à margem dos sistemas midiáticos hegemônicos.

Ao sistematizar essas manifestações, Marques de Melo (2008) denota a diversidade de objetos comunicativos que compõem o universo folkcomunicacional, incluindo práticas orais, rituais, festas, expressões musicais e artefatos

culturais. Essa perspectiva permite compreender que a comunicação popular não se limita a conteúdos específicos, mas envolve modos de produção e circulação de sentidos ancorados em experiências coletivas.

Com a ampliação do acesso às tecnologias digitais, essas práticas passam a ocupar novos espaços, configurando uma paisagem em que o popular não desaparece, mas se rearticula. Como observa Marques de Melo (2006), a *internet* se apresenta como um ambiente fértil para a circulação de manifestações folkcomunicacionais, ampliando seu alcance sem necessariamente romper com seus vínculos históricos e culturais. Nesse processo, Schmidt (2007) indica que as manifestações populares podem tanto manter formas tradicionais quanto se atualizar, adaptando-se às linguagens e dinâmicas das plataformas digitais.

Tal reconfiguração não implica uma substituição das práticas anteriores, mas a coexistência de diferentes formas de expressão, nas quais o local e o global se articulam. A presença de conteúdos produzidos por sujeitos vinculados a seus territórios evidencia que, mesmo em ambientes mediados por tecnologias, as narrativas continuam ancoradas em experiências situadas, ainda que circulem em escalas ampliadas.

É nesse ponto que ganha centralidade a atuação do agente folkcomunicacional, compreendido como mediador entre diferentes universos culturais. Considerando a noção de ativista midiático proposta por Trigueiro (2008), é possível observar que esses sujeitos não apenas reproduzem conteúdos, mas operam processos de tradução, adaptação e ressignificação, articulando repertórios locais às linguagens midiáticas. Ao mobilizarem suas experiências e conhecimentos, constroem narrativas que conectam tradição e contemporaneidade, ampliando as possibilidades de circulação dos saberes populares.

Com o avanço das tecnologias digitais, a pessoa agente se reposiciona e passa a atuar também como produtora de conteúdo em plataformas diversas. Ao mesmo tempo que preserva vínculos com a memória e com o território, utiliza os recursos disponíveis para ampliar a visibilidade de suas narrativas. Esse movimento evidencia que a mediação não se restringe à adaptação de conteúdos, mas envolve negociações simbólicas que se realizam em contextos marcados por diferentes disputas.

Inclusive, considerar a inserção dessas narrativas nas plataformas digitais implica observar também as tensões que atravessam esses espaços. Como aponta Kischinhevsky (2024, p. 69), ao pensar a mídia sonora, “há todo um circuito de cultura em torno desta prática [...] Talvez devamos falar de

‘culturas do podcast’, no plural”, indicando que o *podcasting* não se limita a um formato técnico, mas se constitui como um conjunto heterogêneo de práticas culturais.

Os sistemas algorítmicos, os critérios de visibilidade e as dinâmicas de monetização influenciam os modos de circulação e reconhecimento das produções, podendo favorecer determinados conteúdos em detrimento de outros. É nesse cenário que as narrativas vinculadas à cultura popular são inseridas, um campo de disputas no qual visibilidade, legitimidade e reconhecimento são constantemente negociados.

Ainda, as narrativas digitais podem ser compreendidas como espaços em que práticas folkcomunicacionais se reconfiguram, mantendo vínculos com experiências territoriais e identidades coletivas, ao mesmo tempo que passam a circular sob lógicas ampliadas de visibilidade e mediação. Nesse sentido, a análise das narrativas de *podcasts* exige considerar tanto os modos pelos quais esses elementos são mobilizados como as condições que orientam sua circulação, incluindo as disputas por reconhecimento, os critérios de visibilidade e as dinâmicas que atravessam esses ambientes.

PERCURSO METODOLÓGICO E DELIMITAÇÃO DO CORPUS

A presente pesquisa se desenvolve com uma abordagem qualitativa, orientada pela necessidade de compreender os sentidos e as dimensões simbólicas envolvidas na transposição de narrativas da tradição oral para o ambiente digital. Na perspectiva de Minayo (2016), esse tipo de abordagem possibilita acessar valores, experiências e representações que estruturam a realidade social, permitindo analisar tanto as práticas quanto os significados atribuídos a elas.

O percurso metodológico foi estruturado em três momentos principais: levantamento e delimitação do *corpus*; caracterização dos objetos de análise; e definição dos critérios analíticos. A investigação inicial foi realizada na plataforma Spotify, escolhida por sua ampla difusão no contexto brasileiro e pela concentração significativa de produções de áudio. Com base nas palavras-chave: “lenda”, “mito” e “folclore”, foi realizado um mapeamento exploratório entre dezembro de 2023 e janeiro de 2024, resultando na identificação de 43 produções.

Após escuta inicial e organização do material, observou-se a recorrência de padrões que indicaram a saturação do *corpus* (Bauer, 2002), encerrando a etapa de levantamento. Em seguida, foi realizada uma seleção com base em critérios relacionados à presença de elementos narrativos, continuidade das produções e potencial de articulação com questões sociais e identitárias, resultando na delimitação de 25 *podcasts*.

Tomando esse conjunto como referência, procedeu-se à organização das produções em categorias temáticas e estruturais, considerando tanto os grupos sociais representados quanto as características narrativas predominantes. Desse modo, foi possível identificar a centralidade de formatos narrativos e de relato, o que orientou a decisão de delimitar o *corpus* analítico a *podcasts* narrativos, devido à sua proximidade com a tradição oral e à capacidade de mobilizar elementos imersivos na experiência de escuta.

Dentre as produções identificadas, foram selecionados os *podcasts Cidade das Lendas* (2021) e *Pavulagem* (2022), com base em três critérios principais: relevância para a discussão das identidades coletivas; profundidade do material apresentado; e diversidade nas estratégias de produção e circulação. Essa escolha permitiu observar diferentes formas de transposição de narrativas ancestrais para o ambiente digital, ampliando a compreensão do fenômeno – uma vez que os critérios foram definidos de modo a possibilitar a análise de como as narrativas articulam manifestações da cultura popular entre sujeitos, territórios e temporalidades, evidenciando os processos de construção e atualização de identidades coletivas no ambiente digital.

No que se refere ao procedimento analítico, a pesquisa adota a análise de conteúdo (Bardin, 2011), entendida como um método para identificar padrões, recorrências e sentidos presentes em materiais comunicacionais. Considerando as especificidades do objeto, especialmente a presença de elementos sonoros, a análise foi realizada com base nas transcrições dos episódios, em que foram descritos não apenas os conteúdos verbais, mas também aspectos como trilhas sonoras, efeitos e variações de entonação.

A construção do modelo analítico foi orientada pela articulação entre a problemática da pesquisa, o referencial teórico e as características do *corpus*. Dessa intersecção, foram definidos três critérios principais de análise: (1) articulação das temporalidades e conexão com o território; (2) identificação de objetos comunicativos como elementos folkcomunicacionais; e (3) potencial narrativo na (re)significação das identidades coletivas.

Tais critérios não operam de forma isolada, mas como eixos interdependentes que permitem compreender como as narrativas analisadas articulam diferentes dimensões da experiência social. O primeiro critério busca identificar como as narrativas mobilizam temporalidades e constroem relações com o território, tanto em sua dimensão física quanto simbólica. O segundo, por sua vez, concentra-se na identificação de elementos da cultura popular – como práticas orais, músicas, rituais e artefatos culturais – e nos modos como são incorporados às narrativas digitais. Já o terceiro analisa o papel dos elementos narrativos e sonoros na evocação, ressignificação e fortalecimento de identidades coletivas.

A análise foi conduzida por meio de um processo de categorização temática, combinando procedimentos indutivos e dedutivos. Enquanto alguns códigos emergiram do contato direto com o *corpus*, outros foram orientados pelo referencial teórico adotado. As categorias foram posteriormente refinadas, considerando sua recorrência, coerência interna e articulação com os critérios analíticos, permitindo uma leitura integrada das narrativas.

ORALIDADE, MEDIAÇÃO E EXPERIÊNCIA NAS NARRATIVAS DE PODCASTS

A análise das produções selecionadas parte da compreensão de que as narrativas não se constituem apenas pelo conteúdo que comunicam, mas também pelas condições em que são produzidas, mediadas e experienciadas. Os episódios articulam diferentes camadas – escolhas técnicas, condução narrativa e relatos de experiência – que, ao se entrelaçarem, configuram modos de produzir sentido atravessados pelas mediações próprias do formato *podcast*. Mais do que identificar elementos isolados, interessa compreender como oralidade, memória e território se reorganizam no ambiente digital, não de forma neutra, mas tensionando os modos de constituição da experiência narrativa e deslocando a relação entre narrador, relato e escuta.

A oralidade, conforme indica Walter Ong (1998), não se restringe a um meio de transmissão, mas organiza a própria experiência. Quando enunciada, a palavra se estabelece como acontecimento, situada no tempo e na presença de quem fala e de quem escuta, o que se aproxima da reflexão de Walter Benjamin (1987) sobre a narrativa como forma de transmissão de experiência.

Nos *podcasts* analisados, essa lógica não desaparece, mas se reconfigura: as histórias circulam como experiências abertas, atualizadas no ato de narrar, e os depoimentos evidenciam que narrar, por sua vez, implica reconstrução, atravessada por memória e contexto.

Esse movimento se torna evidente em trechos como o narrado por Daniel Bruno, produtor e apresentador de *Cidade das Lendas* (2021), durante o episódio “Mulheres de Icó”:

Infelizmente, durante a gravação desse episódio um dos gigantes tamarindeiros lá dos tamarindeiros onde os trabalhadores de dona Glória ficavam descansando e que foi palco de toda essa confusão que a gente falou hoje, desabou e caiu. Por conta das grandes chuvas que rolaram no Icó agora nesse começo de ano. A árvore se deu ao tempo, deixando a gente bastante triste. Porque é uma parte da nossa história que se vai. Os nossos avós moram nessa rua e eu e Bruno nos criamos lá, brincando embaixo das árvores de tamarindeiras.

Uma narrativa como essa demonstra que a memória não se forma somente como lembrança individual, mas como experiência compartilhada, na qual o território opera como referência simbólica na construção das identidades. A perda da tamarindeira, por exemplo, carregada de significados históricos e afetivos, sinaliza como a identidade cultural também se constrói na ausência e na ressignificação dos elementos que compõem a memória coletiva. Se, por um lado, a árvore não resiste ao tempo, por outro, sua presença permanece nas narrativas, garantindo a continuidade simbólica de sua importância para a comunidade.

Dinâmica que também se manifesta nas narrativas de experiências ligadas à convivência comunitária, nas quais passado e presente se articulam no próprio ato de narrar. Como se vê no trecho a seguir, transcrito do episódio “Curupira, a mãe da mata”, do *podcast Pavulagem* (2022):

Nas comunidades ribeirinhas a gente se reunia todas as noites com muito café quentinho e era assim, em roda, que eram contadas as histórias.

(...)

O que que a gente faz quando descobre que tem aquela história guardada e um ouvinte sedento por ouvi-la? Se eu pudesse eu reunia todos vocês num barco e contava uma por uma. Mas a logística ia ser um pouco complicada. Então resolvi juntar todas elas à moda antiga, à moda da tia Maurícia, sob a luz de um velho candieiro, com a bênção dos meus ancestrais e de ondas

imaginárias, nesse podcast eu te levo para o encontro: olho no olho com seres encantados da floresta. Esse é o Pavulagem!

Nesse tipo de construção, a narrativa não apenas rememora práticas da oralidade, mas as reorganiza no próprio ato de narrar, em que o narrador se dirige ao ouvinte e constrói formas de aproximação mediadas pelo *podcast*. Ao afirmar que “nesse podcast eu te levo para o encontro”, evidencia-se um tempo de enunciação no qual a experiência é atualizada e compartilhada, ainda que na ausência de copresença entre narrador e ouvinte. A mediação, aqui, não rompe com a oralidade, mas a reconfigura, permitindo que a experiência seja reorganizada em um ambiente digital.

A evocação dos encantados e das experiências territoriais não se restringe à preservação de um repertório simbólico ancestral, mas se articula à reafirmação de formas de pertencimento que se manifestam tanto nos conteúdos das histórias quanto nas dinâmicas de sua transmissão. É na relação entre memória, oralidade, cotidiano e elementos sonoros que esse simbólico se atualiza. Exemplo disso é a dona Fátima, do episódio “Jurupari, o demônio da floresta” (Pavulagem, 2022), que expressa: “Ah meu Deus do céu, eu lembro, mas eu não sei como”. Em seguida, ouve-se a emissão sustentada de um “Ah” grave. É dona Fátima que está lembrando o assobio do jurupari. “Abria a bocona aí aquele modo de chegar perto, daí fazia (balbucia), mas era longe, que tomava conta da mata” (Pavulagem, 2022, Jurupari, o demônio da floresta).

A rememoração desses sons – como o grito do jurupari, o assobio do boto ou o sopro da curupira – indica que a relação com o místico não se configura apenas como tema narrativo, mas como experiência vivida, enraizada nas práticas e percepções que compõem a vida no território. Desse modo, o extraordinário não se apresenta como elemento externo à realidade cotidiana, mas como parte constitutiva das formas de relação com o espaço e com a coletividade.

Os relatos se organizam em situações nas quais o extraordinário emerge sem romper a lógica da vida comum, articulando gestos, percepções e práticas que sustentam o vínculo com o território e participam da construção das identidades coletivas. Evidente também em falas como: “Se tu vai para casa do vizinho, você pede licença. Então, na hora que você sair da sua casa e for para dentro da mata, peça licença para ela. Converse com ela, que ela tem mãe” (Pavulagem, 2022). Nesse contexto, o extraordinário não se dissocia do cotidiano, mas orienta práticas concretas, estabelecendo formas de relação com o território baseadas em respeito, cuidado e reconhecimento de agência.

Essa forma de relação com o território não se constrói somente no plano discursivo, mas também é mediada por elementos sensoriais que organizam a experiência narrativa. A mediação da oralidade no *podcast*, nesse sentido, manifesta-se também na dimensão sonora. Nos episódios de *Pavulagem*, por exemplo, a paisagem sonora – composta por água, vento, pássaros e silêncio – ambienta a narrativa e constrói em diversos episódios, entregando a experiência sensorial de adentrar a mata. Segundo Schafer (2001), a organização dos sons permite perceber diferentes camadas espaciais, criando uma sensação de profundidade que aproxima o ouvinte do território narrado.

O som do rio, o movimento do remo e os ruídos da floresta não apenas acompanham a narração, mas produzem uma experiência que desloca o território da descrição para a escuta. O espaço passa a ser construído sensorialmente, mediado por escolhas sonoras. É o caso do som do lampião sendo aceso, que evoca o ambiente das histórias contadas à noite, funcionando como marcador simbólico que conecta diferentes temporalidades. A respeito disso, Gaston Bachelard (1994) sugere que o fogo mobiliza dimensões simbólicas ligadas à memória, o que se evidencia na forma como esse elemento é acionado nas narrativas.

A articulação entre oralidade e território também se manifesta de maneira recorrente. Cidades, florestas e comunidades não aparecem como cenários, mas como elementos constitutivos da experiência narrada. Em *Cidade das Lendas*, os espaços históricos de Icó operam como referências que articulam memória e pertencimento, salientando como o território se inscreve nas histórias e contribui para a construção das identidades.

Em *Pavulagem*, por sua vez, essa relação se expressa também por meio do deslocamento, indicando que a identidade não se fixa em um único espaço, mas se constrói a partir das experiências vividas em diferentes contextos, em diálogo com a noção de hibridação cultural de Néstor García Canclini (2003). Práticas cotidianas, como o trabalho, a pesca e a preparação de alimentos, integram-se às narrativas, enquanto elementos simbólicos coexistem com essas experiências, demonstrando que o cotidiano e o mítico não se separam.

As festas, rituais e músicas populares também desempenham papel relevante nesse processo. A festa do Senhor do Bonfim, por exemplo, articula dimensões religiosas e culturais, enquanto o uso do xote em *Cidade das Lendas* atua como marcador de memória e identidade territorial.

Nesse conjunto, observa-se que a oralidade não apenas comunica experiências, mas organiza formas de pertencimento, que, ao serem transpostas

para o ambiente digital, não se dissolvem, mas se reconfiguram. As narrativas mantêm vínculos simbólicos com o território ao mesmo tempo que os reorganizam por meio das mediações próprias do *podcast*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das narrativas dos *podcasts* permitiu compreender que a transposição de histórias vinculadas à tradição oral para o ambiente digital não se configura como ruptura, mas como reconfiguração situada, atravessada por condições concretas de produção, circulação e escuta. Ainda que a oralidade passe a operar sob novas mediações, ela não perde sua centralidade, especialmente enquanto forma de organização da experiência e de transmissão de saberes que sustentam vínculos coletivos. O que se observou, a partir dos episódios analisados, é que essa reorganização não se dá de maneira homogênea, mas depende de escolhas narrativas, condições materiais e formas específicas de inserção no ambiente digital.

Durante o percurso analítico, compreendeu-se que as narrativas não se sustentam apenas nos elementos tradicionais da oralidade, mas na articulação entre esses elementos e recursos técnicos e estéticos próprios do formato *podcast*. A presença de trilhas, ambiências sonoras e variações de entonação não atua como complemento, mas como parte constitutiva da narrativa. A paisagem sonora, nesse contexto, opera como elemento de conexão entre território, memória e experiência, permitindo que a escuta acompanhe a história e participe de sua construção. Esse movimento desloca a oralidade de uma condição exclusivamente presencial e a reinscreve como experiência mediada, sem que isso diminua sua potência na produção de sentidos coletivos.

As narrativas analisadas mostram que memória, território e práticas culturais não aparecem como referências externas, mas sim como dimensões que estruturam o próprio modo de narrar. Ao mobilizar experiências situadas, modos de vida e repertórios simbólicos, os episódios produzem formas de pertencimento que se articulam na construção e atualização de identidades coletivas. Por sua vez, tais identidades não se apresentam como fixas ou originárias, mas como processos em constante elaboração, atravessados por deslocamentos, reinterpretações e pelas condições em que as histórias são narradas e escutadas no ambiente digital.

Nesse processo, a atuação dos narradores assume papel central, pois suas vozes articulam experiência, memória e conhecimento situado, ao mesmo tempo que operam com recursos técnicos e linguagens midiáticas. Trata-se de uma atuação que, não se limitando à narração, envolve mediação, seleção e reorganização de sentidos. Quando dispõem elementos da cultura popular em diálogo com as possibilidades do digital, esses sujeitos operam como agentes que transitam entre diferentes universos culturais, contribuindo para a circulação e a resignificação das narrativas ancestrais. Tal atuação aponta que a construção das identidades coletivas nas narrativas digitais passa também pela forma como essas vozes se posicionam, interpretam e atualizam os saberes que mobilizam.

No entanto, a inserção dessas narrativas no ambiente digital não ocorre em condições neutras. A circulação dos *podcasts* está atravessada por dinâmicas de visibilidade, financiamento e reconhecimento que afetam diretamente a continuidade e o alcance das produções. Esse cenário remete às condições em que essas iniciativas se tornam visíveis e se sustentam em ambientes digitais marcados por diferentes formas de aclamação e subsídio.

A análise também trouxe à tona limites importantes do próprio percurso metodológico. A centralidade do som, embora constitua uma das principais potências do objeto, impõe desafios à descrição e à categorização, exigindo um esforço constante de tradução da experiência auditiva para o registro analítico. Além disso, as interconexões entre as categorias demandaram um trabalho contínuo de articulação, no qual os elementos não se apresentam de forma isolada, mas atravessam múltiplas dimensões da narrativa.

Apesar desses limites, os resultados indicam que a transposição de narrativas da tradição oral para o ambiente digital não apenas preserva conteúdos, mas reorganiza modos de narrar, escutar e produzir sentido. Ao articular oralidade, paisagem sonora, práticas culturais e mediação digital, os *podcasts* analisados mostram que as identidades coletivas não se dissolvem, mas se constroem em processos dinâmicos, nos quais tradição e contemporaneidade se entrelaçam. Nesse movimento, a oralidade persiste e se reconfigura como forma ativa de produção de vínculos, memória e pertencimento em contextos mediados digitalmente.

Stories of oral tradition in podcasts: orality, mediation, and collective identities

Abstract

This article examines the relationship between popular culture and collective identities by analyzing how oral tradition narratives are transposed into the digital environment through podcasts. Grounded in folk communication theory and identity studies, the study adopts a qualitative approach based on content analysis. The corpus comprises the podcasts *Cidade das Lendas* (2021) and *Pavulagem* (2022). The analysis focuses on aspects such as temporality, territory, folk communication elements, and cultural practices mobilized within the narratives. The findings indicate that the transposition to the podcast format does not represent a rupture with orality, but rather its reconfiguration, in which memory, sound, and experience contribute to the construction of a sense of belonging and to the (re)signification of collective identities.

Keywords

Orality. Podcast. Folk communication.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BELTRÃO, L. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares da informação de fatos e expressão de ideias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRUNO, D.; CÂNDIDO, I. *Cidade das Lendas*. [S. l.: s. n.], 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0va41wsR2AvVFkZfajExV5?si=d14fe8669f1c4126>. Acesso em: 8 abr. 2024.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003.

KISCHINHEVSKY, M. *Cultura do Podcast: reconfigurações do rádio expandido*. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2024.

MARQUES DE MELO, J. Folkcomunicação na era digital. A comunicação dos marginalizados invade a aldeia global. *Razón y Palabra*, Quito, Equador, n. 49, p. 1-26, fev./mar. 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1995/199520713005.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2024.

MARQUES DE MELO, J. *Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação*. São Paulo: Paulus, 2008.

MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: 3 introduções. *MATRIZes*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 9-31, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrices/article/view/145681>. Acesso em: 12 ago. 2024.

MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

ONG, W. J. *Oralidade e cultura escrita*. São Paulo: Papirus, 1998.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SCHAFER, M. *A afinação do mundo*. Tradução Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

SCHMIDT, C. A reprodutibilidade digital da folkcomunicação: a construção de novas linguagens ou o fim do popular. *Revista Comunicação e Sociedade*, v. 28, n. 47, 2007.

TRIGUEIRO, O. M. *Folkcomunicação e ativismo midiático*. João Pessoa: Editora UFPB, 2008.

TROVÃO MÍDIA. *Pavulagem*. [S. l.]: Spotify, 2022. Podcast. Original Spotify produzido pelo Programa Sound Up Brasil. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0IixtNTZ2OvtW0ldsU6OnC?si=5faef8e449a84442>. Acesso em: 8 abr. 2024.